

UM BEATO LÍDER: NARRATIVAS MEMORÁVEIS DO CALDEIRÃO

DE DOMINGOS SÁVIO DE ALMEIDA CORDEIRO

Fortaleza: Imprensa Universitária
Universidade Federal do Ceará, 2004. 236p.

POR ANTÔNIO GEORGE LOPES PAULINO

Doutorando, aluno do Programa de Pós-Graduação
em Sociologia da UFC.

Década de 30 do século passado, região sul do Ceará (Cariri): um Beato lidera um movimento messiânico que se tornou conhecido como o “Caldeirão” e mobilizou diferentes visões de mundo e formas de exercício do poder em torno de um fenômeno através do qual se revelam importantes questões sociais.

No livro em foco, Sávio Cordeiro discorre sobre essa experiência grupal liderada pelo Beato José Lourenço, fundamentando-se em narrativas laboriosamente colhidas e interpretadas, reunindo um rico material que se constitui nas falas de “remanescentes” - do Caldeirão e de outras comunidades organizadas pelo Beato - e de “contemporâneos” sobre fatos lembrados. Esses “informantes”, no esforço de recordar, teceram suas versões e, de certa forma, “negociaram” a realidade social (VELHO, 2003) em face de outros relatos. Os “rema-nescentes”, sobretudo, apresentaram outras possibilidades de leitura em relação aos registros oficiais e da imprensa que, no auge das perseguições aos moradores do Caldeirão, alimentaram o preconceito e agiram no sentido de legitimar a truculência do Estado na condução do poder vigente à época.

Apoiado nessas falas e numa vasta literatura sistematizada a partir do estudo de outras pesquisas já realizadas sobre o Caldeirão e o Beato, Sávio Cordeiro orienta-se por uma perspectiva fecunda, indo além do que poderia se constituir como mera releitura dos fatos no tempo e no espaço hodiernos: as memórias evocadas pelos entrevistados são repletas de

significados e significações e soam como vozes de uma história intimamente vivida ou, pelo menos, vista de perto, que vão de encontro aos ecos de relatos oficiais autoritários e intencionalmente equivocados.

As narrativas apresentadas no livro de Sávio Cordeiro põem o leitor em contato com um material muito interessante, especialmente para quem entende a memória como um sistema que evoca saberes locais compartilhados, saberes que encontram suas significações em seu próprio contexto simbólico e prático. Nesse sentido, o autor manteve-se firme quanto ao propósito de identificar as diferentes visões de mundo, os *ethos* (GEERTZ, 1978) que subjazem às falas dos distintos sujeitos que escutou em sua pesquisa de campo. Assim, a figura do Beato José Lourenço é o referente que irá aproximar versões e contrapor discursos, desafiando então o raciocínio sociológico no que concerne à necessidade de estabelecer a mediação histórica entre a fala de um sujeito particular e o contexto social em que se produz essa mesma fala.

No primeiro capítulo do livro, intitulado Trajetória do Beato José Lourenço, o autor reconstitui os principais fatos da vida do protagonista do Caldeirão, desde o seu nascimento como filho de negros alforriados, até sua chegada a Juazeiro, quando se tornou discípulo de Pe. Cícero e entrou para uma ordem de penitentes que praticavam o autoflagelo como forma de purificação do espírito. O capítulo segue discorrendo sobre as experiências do Beato em

diferentes agrupamentos rurais comunitários por ele organizados, relatadas nos tópicos: *O Sítio Baixa Dantas e a Epopéia do Boi Mansinho*, *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, *Mata Cavalos – O Caldeirão na Clandestinidade* e *Sítio União – O Sossego Final*. Concluindo a primeira seção do livro, o autor apresenta ainda os itens: *Morte do Líder* e *Cronologia de uma liderança*.

O segundo capítulo é intitulado Recordações do Caldeirão. Aqui, embora atento aos diferentes sinais que caracterizam o Caldeirão como uma vivência de produção igualitária, Sávio Cordeiro ressalta não somente os aspectos positivos observados na experiência do Beato e de seus seguidores. Um aspecto negativo é registrado a partir de um “(...) enfoque que reconhece uma hierarquia de gêneros situando os homens numa posição prioritária” (CORDEIRO, 2004: 85). Todavia, o autor chama a atenção para o fato de a utopia igualitária ter maior expressividade no Caldeirão do que no movimento de Canudos, desenvolvido na Bahia sob a liderança de Antônio Conselheiro, cuja destruição sangrenta ocorreu através de um massacre protagonizado por forças do Estado no ano de 1897.

Nos relatos colhidos, o autor observa: a tese materialista que reduz as motivações da ação do homem ao atendimento de suas necessidades materiais não se confirma na experiência do Caldeirão, haja vista que no local, ricos fazendeiros do Rio Grande do Norte e de outros estados do Nordeste, por opção, “trabalhavam e viviam sob a mesma disciplina que os demais” (op. cit., p.86).

Segundo Cordeiro, o messianismo com ares de vida comunitária, que teve lugar no Caldeirão, configurou-se não como uma ideologia política explícita, mas sim, como uma profissão de fé, significada em princípios religiosos. Não obstante, a dimensão política não fica ausente desse processo, por tratar-se de uma experiência grupal que, como acontece em todos os agrupamentos sociais, contextualiza-se em estruturas de poder sócio-culturalmente determinadas. Este fato constitui um desafio posto às ciências políticas que, em seu tradicional racionalismo, muitas

vezes deixam escapar à compreensão, as manifestações simbólicas do poder.

Quanto à relação observada entre os campos da religião e do trabalho, o livro em foco analisa o simbolismo que se constrói acerca dos frutos da produção coletiva, materializada pela fartura na mesa. Num ambiente que se torna hostil, sobretudo nas fases de estiagem, como é o caso da região Nordeste, esse simbolismo da mesa farta reforça-se em torno da categoria da caridade, que é recorrentemente citada pelos informantes de Sávio Cordeiro, quando se referem à bondade e à caridade como traços do comportamento do Beato em face dos mais necessitados que o procuravam no Caldeirão.

Quando discorre sobre a ação violenta do Estado que destruiu o Caldeirão no ano de 1937, o autor compreende que a coragem do Beato e de seus seguidores resulta de uma experiência coletiva cujos significados não se encerram num fervor puramente religioso nem em uma organização puramente econômica do trabalho:

A medida da violência é dimensionada pela destruição dos bens de produção, estoque de alimentos, moradias e organização comunitária para o trabalho, expressos como valores do grupo (op. cit., p. 96).

Diferentes motivações e atitudes são analisadas pelo autor, na perspectiva de mapear os diversos interesses sociais vinculados a distintas relações de poder que se confrontaram em torno das experiências lideradas pelo Beato. Sobretudo, Sávio Cordeiro destaca a coragem e resistência pacífica dos moradores do Caldeirão frente ao terrorismo ideológico e policial do Estado. Movidos pela força da fé e da obediência religiosa, tinham esse campo simbólico como única “arma” para se defenderem contra diferentes eixos de interesse e acusação.

Em 1921, quando estava no Sítio Baixa Dantas, José Lourenço recebe de Pe. Cícero um touro que lhe fora presenteado por Delmiro

Gouveia, um industrial alagoano. Como o boi pertencia ao Pe. Cícero, que pelo povo já era considerado santo, tornou-se também objeto de adoração, ainda que tal reverência não fosse recomendada ou incentivada pelo Beato. Este fato vai culminar em versões depreciativas sobre a comunidade e seus moradores, veiculadas pela imprensa cearense. Na ocasião, o Beato foi preso e o boi sacrificado. Com a intervenção de Pe. Cícero, José Lourenço ganhou liberdade e voltou para o Baixa Dantas, onde ficou com seu povo até o ano de 1926, quando o sítio foi vendido, não recebendo o Beato nenhuma indenização ou coisa do gênero.

Assim, em terras pertencentes ao Pe. Cícero, o Beato funda a comunidade do “Caldeirão da Santa Cruz do Deserto”, localizada na Chapada do Araripe. Trata-se de uma comunidade camponesa que existiu durante 10 anos, onde habitaram, aproximadamente, 1.700 pessoas, cujo estilo de vida voltava-se para a reza e para o trabalho coletivo. O lugar chegou a ser referência para romeiros e retirantes da seca, que lá buscavam acolhida.

Novamente, o Beato e seus seguidores “incomodarão” as principais forças do poder local: os grandes fazendeiros opor-se-ão a essa experiência comunitária, em face do temor pela perda da mão-de-obra de seus latifúndios; o governo e a imprensa apoiar-se-ão numa pretensa defesa da ordem contra a “ameaça” do comunismo que, supostamente, disseminava-se a partir do Caldeirão; e a Igreja Católica bradará com intolerância e ciúme em face do catolicismo popular que se difundia na vivência dos moradores do Caldeirão. Ademais, a Igreja Católica também comparece nesse processo com a sua fatia de poder, através do interesse nas terras trabalhadas e beneficiadas pelo Beato e seu povo, deixadas de herança por Pe. Cícero aos padres salesianos.

Nesse processo, diferentes e interligadas forças expressam sua oposição a José Lourenço e seus seguidores, culminando com a “Chacina do Caldeirão”, em 11 de maio de 1937, através

de ataque executado pelas tropas do Governo, com o uso de metralhadoras e bombardeio aéreo. Não obstante a repressão constantemente materializada contra o Beato, sua capacidade de liderança e organização é impressionante, haja vista que, até a fundação da comunidade do Sítio União, em Pernambuco, onde morreu no ano de 1946, sempre investiu na reconstrução do estilo de vida comunitária sob o qual conduzia a sua gente:

Voltar de novo pra tomar conta e trabalhar; esta parece ter sido a sina de José Lourenço, continuamente retomando um ponto da história interrompido, resgatando-o e reconstruindo-o (op. cit., p. 108).

Prosseguindo em sua análise, Sávio Cordeiro assinala as diferentes repercussões ideológicas que a experiência do Caldeirão suscitou na sociedade: nos anos 1930/40, destacam-se a imprensa e suas versões pejorativas; nos anos 60, o movimento é ressignificado como uma referência da causa socialista; nos anos 80, torna-se referência para movimentos sociais, evocando a luta pelos direitos humanos e pela reforma agrária; nos anos 1990/2000, emerge uma máquina reprodutora do passado com finalidades de exploração turística, bem como se intensifica o interesse acadêmico e científico pela temática em foco. Ressalta-se ainda, a identificação do movimento popular com o Caldeirão, em virtude da dimensão pedagógica vivenciada na relação do Beato, enquanto mestre e conselheiro, com seus seguidores.

Logo no início do terceiro capítulo, que traz o título Versões de um passado, Sávio Cordeiro afirma: “O Beato José Lourenço não foi unanimidade” (p.123). Ao evocar a teoria da memória de grupo trabalhada por HALBWACHS (1990), o autor refere-se aqui aos conflitos de narrativas ou choques de memória que, durante a pesquisa, observou em diferentes relatos.

Refletindo acerca da importância do sentimento de pertença ou de identidade grupal, Sávio Cordeiro classifica as representações sobre

o “Caldeirão da Santa Cruz” em torno de duas categorias, os “remanescentes” – compreendidos como sendo os “de dentro” da experiência – e os “contemporâneos”, aqueles que falam como sendo os “de fora” de uma história realmente vivida. Assim, novamente o autor confronta visões de mundo distintas, sob as quais subjazem diferentes valores morais e representações sociais.

Nesse paralelo de visões de mundo, os relatos apresentam-se muitas vezes como díspares, não importando para o autor, entretanto, o estabelecimento de critérios de verdade, mas sim, a necessidade de relacionar as falas dos sujeitos pesquisados aos campos de apropriação simbólica e prática que as contextualizam: a vivência concreta de situações; o “conhecimento” de situações e fatos a partir dos relatos de terceiros; e o desdobramento subjetivo, através dos relatos de memória, de afirmações e interrogações cuja continuidade e/ou transformação situam-se no plano da oralidade, dos boatos e das interpretações intertextuais.

Desse modo, Sávio Cordeiro deparou-se com uma profusão de afirmações e interrogações em oposições acerca do comportamento do Beato e de seus seguidores: a moral sexual do Beato caracterizou-se pela castidade ou havia, no Caldeirão, um harém pertencente a José Lourenço? O Beato condenava os vícios, mas ingeria bebida alcoólica? Era um exemplo humanitário de liderança no trabalho ou um oportunista e explorador da mão-de-obra de sertanejos miseráveis e fanáticos? Era um explorador do trabalho alheio ou o seu trabalho se concretizava no ofício de administrador de uma comunidade camponesa?

Neste aspecto, os informantes “contemporâneos” do Caldeirão manifestam seu espanto em face de relações de trabalho não condicionadas ao pagamento em dinheiro, espanto do qual não compartilham os “remanescentes”, para os quais a vida de oração, de trabalho e de fartura na mesa, representa uma construção terrena para a vida plena no Céu.

Mas as afirmações e interrogações não param por aí: o trabalho infantil, à luz da experiência do Caldeirão, representa um valor moral ou configura um caso de exploração e degradação da condição humana? O Beato andava bem vestido e perfumado, enquanto seus seguidores vestiam somente roupas pretas suadas e fedidas? A obediência religiosa, no caso do Caldeirão, era fruto de uma liberdade caracterizada pela opção individual por um estilo de vida ou era assegurada em face do autoritarismo e do fanatismo messiânico?

Para melhor entender o sentido das oposições de valores, o autor buscou em LE GOFF (1990) a noção de que entre a memória de grupo e o pensamento individual observa-se a produção de choques de memória que, no campo de interesse da pesquisa, “vão apontando o caminho de valores distintos e diversificados” (CORDEIRO, p. 151). A partir desta perspectiva, Sávio Cordeiro compreende que os “remanescentes” por ele entrevistados vêem o signo do comunismo como uma marca posta a partir de leituras feitas de fora da comunidade do Caldeirão, mas que não é aceita por eles, os quais não compartilham da tese materialista, percebendo, portanto, como incompatíveis o ser comunista e o ser crente.

No quarto capítulo, *Memória de liderança*, o autor aborda os distintos aspectos que se configuram em torno do personagem do Beato, o qual, “nas narrativas, é tido pelos ‘remanescentes’ ora como padrinho, compadre, mestre, líder, ora como santo” (p. 153). Aqui, Sávio Cordeiro analisa diferentes concepções teóricas acerca do carisma ao confrontar os pensamentos de Max Weber, Émile Durkheim e Pierre Bourdieu, chegando à síntese de que

(...) é preciso considerar a relação entre o profeta e os discípulos leigos como um caso particular da relação que se estabelece entre um grupo e seus símbolos religiosos (...) (CORDEIRO, p. 155).

Compreendendo o carisma não somente como um atributo subjetivo do profeta, o autor refere-se à pessoa do Beato como sendo um ponto catalisador de diferentes tipos de capital simbólico (BOURDIEU, 1989), a saber: a bondade, citada como uma prática corriqueira de José Lourenço e como um valor fundante do grupo; o exercício profissional da religião – o ofício de rezas e cânticos; a fama de bom vizinho (vizinhança é tida aqui como uma rede social de significativa importância no âmbito das problemáticas relacionadas à pobreza rural na região Nordeste) e o Beato mito. Vários feitos fantásticos lhe são atribuídos, como por exemplo: “Ninguém pegava ele. Ele sabia quando a tropa ia chegar lá”, diz um “contemporâneo” (CORDEIRO, p. 167). O autor afirma ainda:

Entre os atos do Beato que constam nas conversas correntes a seu respeito, estão outros feitos fantásticos. Diz-se que ele se ‘envultava’, tornava-se assombração, visagem, invisível (p.166).

Neste capítulo, novamente o autor expõe distintas versões que se manifestam sobre a figura e o comportamento do Beato: o homem de cor negra, cuja origem racial incomodou muita gente, mas que, pacificamente, driblou os preconceitos racistas, dentre outras formas de discriminação; o Beato de cor negra, cuja condição racial tornava-se eufêmica, pelo fato de que José Lourenço tinha trânsito livre entre determinados segmentos da elite, portando-se sempre elegante, bem vestido e perfumado; quanto ao seu perfil de liderança, em Pernambuco, o Beato era considerado um líder progressista e, no Ceará, era tido pelas elites como sendo um transviado, um fanático.

Finalizando esta seção, Sávio Cordeiro refere-se à influência de Pe. Cícero sobre o Beato, considerando que o primeiro teria representado a “escola de santidade” deste. Assim, o autor tece o fio entre a cultura messiânica e a

intertextualidade que, em diferentes leituras da realidade e nos domínios da oralidade no catolicismo leigo e popular, cruzam as figuras de Pe. Cícero, do Beato José Lourenço e do representante maior do mundo cristão, Jesus Cristo: “José Lourenço não existe sozinho para os narradores” (p.174).

Assim, a herança simbólica dos que conviveram com o Beato tem suas significações essenciais na adoração à “Santa Cruz”, instituída como principal objeto sagrado cultuado no Caldeirão. Quanto ao comportamento dos seguidores da “Santa Cruz”, conserva-se entre os narradores um conjunto de valores morais: ter fé, transformar o sofrimento em penitência, ter a certeza de ser digno da benção divina materializada no alimento e na moradia como frutos do trabalho e conservar a esperança de um dia ter uma entrada garantida na porta do Céu.

Na conclusão do livro, Sávio Cordeiro sintetiza algumas considerações sobre memória e esquecimento, enfatizando que o ato de não lembrar tem suas razões e seus significados, sendo as entrelinhas do silêncio pistas também importantes para o trabalho do pesquisador. Nas palavras do autor,

Todas as memórias se referem a ethos e visões de mundo: crenças, sabedorias, valores, desejos, mitos e utopias, transformados em lembranças identificadas naquelas vivências (p.198-199).

Retoma, ainda, na conclusão o objetivo central do seu trabalho de investigação sociológica, que culminou na dissertação de mestrado, ora publicada na forma de livro, relatando também algumas especificidades do trabalho de campo e ressaltando o fato de que, desde sua origem até o atual contexto sócio-histórico, o Caldeirão e o Beato José Lourenço têm sido objeto de diferentes significações e resignificações em torno das categorias: liderança, religião/fé, trabalho e poder.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1989). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida (2004). *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*. Fortaleza: Imprensa Universitária / UFC.
- GEERTZ, Clifford (1978). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HALBWACHS, Maurice (1990). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice / Ed. dos Tribunais.
- LE GOFF, Jacques (1990). *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP.
- VELHO, Gilberto (2003). *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Footnotes).

NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE COLABORAÇÕES

Por favor, envie sua contribuição em disquete de 3,5", em programa Word for Windows, com cópia impressa em papel para:

Revista de Ciências Sociais
Departamento de Ciências Sociais
Centro de Humanidades
Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2995, 1º andar (Benfica)
60.020-181 Fortaleza, Ceará/BRASIL
Tel./Fax: (85) 4009-7416 ou (85)4009-7421

O texto deve ser digitado em espaço duplo e não ultrapassar 30 laudas (sete mil palavras).

Utilize letra Times New Roman, de tamanho 12 para todo o texto, inclusive para os títulos, subtítulos e notas de rodapé.

Cada artigo deve ser acompanhado de um resumo (máximo de sete linhas) e de informações sobre o autor (instituição, cargo, titulação acadêmica etc.).

Os títulos, subtítulos etc. devem ser ressaltados por meio de 2 espaços dentro do texto, sem utilização de formatação especial para destacá-los.

As citações que não ultrapassarem 3 linhas devem permanecer no corpo do texto. As citações de mais de 3 linhas devem ser separadas do texto por meio de 2 espaços, sem modificação do tipo de letra nem de margens do parágrafo.

Palavras em outros idiomas, nomes de partidos, empresas etc. deverão ser escritos em itálico.

FORMAS DE CITAÇÃO

- a bibliografia, em ordem alfabética, e as notas de rodapé, numeradas, deverão aparecer no final do texto.
- as referências bibliográficas no interior do texto deverão seguir a forma (Autor, data) ou (Autor, data: página). Exemplos: (Barbosa, 1964) ou (Barbosa, 1963:35).
- se houver mais de um título do mesmo autor

no mesmo ano, deve-se diferenciar por uma letra após a data: (Correia, 1993a), (Correia, 1993b).

- caso o autor citado faça parte da oração, a referência bibliográfica deve ser feita da seguinte maneira: Wolf (1959:33-37) afirma que...

- referências bibliográficas que venham acompanhadas de comentários e informações complementares devem ser colocadas como nota de rodapé.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia deve conter todas as obras citadas e orientar-se pelos seguintes critérios:

Livro: Sobrenome em maiúsculas, Nome. (Data entre parênteses). *Título em itálico*. Local: Editora.

Exemplo: HABERMAS, Jürgen. (1987), *Dialética e hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer*: Porto Alegre: L&PM Editores.

Coletânea: Sobrenome em maiúsculas, Nome. (Data). "Título do capítulo entre aspas", *in* em itálico, iniciais do nome seguidas do Sobrenome do(s) organizador(es), *Título da coletânea em itálico*. Local: Editora.

Exemplos: MATOS, Olgária. (1990). "Desejos de evidência, desejo de vidência: Walter Benjamin", *in* A. Novaes (org.), *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Artigo: Sobrenome em maiúsculas, Nome. (Data). "Título do artigo entre aspas". *Nome do periódico em itálico*, número da edição: numeração das páginas.

Exemplo: VILHENA, Luís Rodolfo. (1996). "Os intelectuais regionais. Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32: 125-149.